



Tecnologias e Linguagem da Mídia na Educação: desafios para o processo de ensino-aprendizagem¹

Leandro Eduardo Wick Gomes²
Universidade Federal de Mato Grosso, Barra do Garças, MT

RESUMO

Este trabalho discute as influências da tecnologia no sistema educacional e na produção do saber, com ênfase na pesquisa e extensão através de práticas comunicativas. Em um cenário com relativa acessibilidade aos novos meios de comunicação, partilhar experiências e conhecimento tem alterado a relação dos interlocutores dessa interação educacional entre professor e aluno. Da hierarquização educacional, possibilita-se uma mudança para um processo de ensino-aprendizagem mais participativo, no qual as relações e experiências passam por percepções digitais e conectividade.

PALAVRAS-CHAVE: escola; meios de comunicação; linguagem; saber; tecnologia.

A Escola como o lugar do saber

A escola consolida seu papel de importância diante de outras instituições diante de sua relevância no imaginário social por ser símbolo da concentração de conhecimento para o desenvolvimento humano. Tal asserção remete a um passado em que o acesso à informação era restrito e, nesses espaços, poucos poderiam usufruir de tamanha oportunidade. Em partes, atualmente essa instituição não é tão restrita assim, porém, há transformações mais profundas proporcionadas pelas tecnologias que faz a instituição educacional rever suas estruturas e determinar novas ações de gerir o saber, através de uma circulação que transpõe seu domínio.

Os aspectos dessa transformação atingem de forma diferenciada todos os níveis de aprendizagem, desde a alfabetização até a formação profissional. De forma peculiar, as novas tecnologias se tornaram elementos fundamentais nessa construção do saber e nosso olhar se atém principalmente sobre as atividades complementares.

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 8 a 10 de junho de 2011.

² Docente do Curso de Jornalismo da UFMT, Campus do Araguaia, email: leandrogomes@ufmt.br



A descentralização do saber diante das novas tecnologias

Há ainda uma referência quanto ao saber privilegiado inerente às instituições educacionais: se apresentam como um dos principais símbolos da formação e produção de conhecimento da sociedade. Porém, através da reorganização social, entidades e instituições como a própria escola está sendo repensada e deverá passar por transformações mais profundas para atender uma sociedade digital. Essa necessidade de mudança provém de um aspecto apontado por Castells (2002), no qual refere que o conhecimento tomou o lugar da força muscular e esta passa por uma revolução tecnológica nas últimas décadas que tem mudado a produção e circulação de saber.

Se antes o conhecimento produzia tecnologias, essas novas tecnologias, por sua vez, têm gerado novas formas de acesso à informação. A descentralização do saber, segundo Barbero (2002), tem abalado a estrutura do modelo escolar e seus dispositivos técnico-políticos. Para o autor,

adquieren en el plano de las relaciones entre producción social y conocimiento un sentido muy otro, ya que es disperso y fragmentado como el saber está pudiendo escapar al control y la reproducción imperantes en sus legitimados lugares de circulación (BARBERO, 2002, p.2)

Esse outro sentido gerado através da dispersão e fragmentação é motivo de se buscar novas referências para o sistema de ensino. Exemplo disso, o autor comenta que muitos estudantes reconhecem previamente o conteúdo trabalhado pelo professor e constataam uma defasagem entre as lógicas comunicativas sociais e a linguagem utilizada em sala de aula.

Durante séculos, nossa forma de divulgação primordial de conhecimento tem sido a linguagem escrita, em sua estrutura rígida, códigos definidos e leitura organizada, no sentido ocidental da direita para a esquerda, de cima para baixo. Entretanto, Machado (2001) afirma que a linguagem visual tem adquirido seu espaço de reconhecimento, inclusive na produção científica, com gráficos, diagramas, além da própria imagem como registro. Mesmo que se identifique a nova geração como a sociedade da imagem, por valorizarem o aspecto visual, o autor salienta que isso não se dá em detrimento à linguagem escrita, pois também nunca se produziu tantos textos como atualmente. Nessa combinação entre as linguagens é que se constitui o novo



formato de comunicação, no qual os próprios estudantes são interlocutores e, dessa forma, detectam a defasagem no discurso do ensino tradicional.

Ao indicar as principais características e necessidades da educação, percebe-se que a comunicação é um tema pertinente. Comunicar é compartilhar algo, em se tratando de educação, é a partilha do saber e deve ser considerada nessa reflexão sobre todo o processo de ensino-aprendizagem. Por sua vez, o modo de aprender não se limita ao raciocínio, há muito que se analisa a abrangência da percepção dos sentidos como contribuições fundamentais e nessa forma de perceber o mundo, as tecnologias e os meios de comunicação são elementos-chave para as mais recentes experiências educativas.

Se para muitos pesquisadores, superar as ilusões da percepção era precisamente a meta de toda a filosofia e ciência, Merleau-Ponty (1990), reafirma a necessidade de se compreender a gênese da própria racionalidade, sua natureza e alcance, seja linguagem ou a ciência e a racionalidade como num todo, a origem é o modo que percebemos o mundo. Basbaum (2008, texto *online*) completa dizendo que “em primeiro lugar, eu tenho um mundo, cuja origem é o encontro entre meu corpo e um horizonte, um ‘sistema de coisas’, operado pela percepção”.

Ao assimilar o real através das tecnologias, uma nova perspectiva de raciocínio e saber se constituem a partir dessa “percepção digital”. A própria cultura, seus ritos e tradições, absorve as tecnologias e modos de comunicar a ponto de não serem mais instrumentos, mas estruturas dessa sociedade.

Essa absorção dos novos modos de comunicação na rotina diária das pessoas, as conversas, as impressões e informações, escapam à observação da realidade feita pelo indivíduo e favorecem os conteúdos transmitidos pelas mídias, onde todos agem e reagem de acordo com elas. Não se trata somente de perceber o fortalecimento do vínculo entre as empresas de tecnologia e comunicação com o público, mas a conversa no celular, a foto enviada por e-mail, o vídeo publicado na internet são exemplos de como a tecnologia interfere na comunicação do nosso dia-a-dia. Ao invés do contato direto entre as pessoas, gera-se relações virtualizantes, onde as interações fazem que esse indivíduo se torne mais acessível, como também que ele tenha acesso a um variedade de conteúdos e formas de se comunicar nesse cenário virtual.

As novas formas de comunicação, ao mesmo tempo em que surpreendem e seduzem, preocupam muitos pesquisadores por não poderem avaliar o real impacto



delas sobre a sociedade. A sociedade do séc. XXI está inserida em um novo mundo, que proporciona modos muito diferentes de viver e conviver se comparado a tempos passados e o uso dos meios de comunicação tem alterado este modo de estar em sociedade

As tecnologias no ambiente de aprendizagem

Na relação entre homem e máquina, novas formas de possibilidades de interação social surgiram. A partir da comunicação interpessoal, as articulações sociais se expandiram para os meios de comunicação de massa, telefone, e por último, os computadores. Através da plataforma digital, a internet se constituiu em uma rede diversificada e polissêmica que se contrapõe à estrutura hierárquica exemplificada nas instituições tradicionais.

Na década de 1960, McLuhan (1993) se referiu aos meios de comunicação como uma extensão do homem, ou seja, as tecnologias midiáticas interferem diretamente no modo de percebermos o mundo e se agrega de tal forma na nossa cultura que o homem sem os meios é como se tivesse sofrido uma amputação. Complementando essa idéia, o autor ainda afirma que o “meio é a mensagem”, assim, toda forma de representação do real será percebida e assumida pelo homem conforme as qualidades da própria mídia.

Se a mídia faz parte de modo até praticamente inseparável do ser humano, o modo de ensino deve atentar para as novas situações que se oferecem e ao mesmo tempo limitam as relações mais tradicionais. A tecnologia, portanto, não está apenas para ser um recurso alegórico, ilustrativo no processo de ensino-aprendizagem, mas tem se tornado a plataforma principal de operacionalização. Os cursos à distância via satélite ou *online* são exemplos típicos de como os interlocutores desse processo têm suas funções atualizadas, assim como as formas e conteúdos compartilhados.

Essa estrutura tecnológica na Educação é utilizada como os Ambientes Virtuais de Aprendizagem. A possibilidade de compartilhamento de saber ocorre graças à interatividade, que reduz a sensação de isolamento para o ingresso em uma comunidade virtual. Essa forma de percepção e apreensão transcende o estar presente para o estar interconectado. Mas afinal, os processos tecnológicos interferem somente em sala de aula? Demais aspectos devem ser analisados, pois a formação cidadã se faz em atividades extraclasse, de interação social.



A experiência de ensino-aprendizagem extraclasse

Apesar de corresponderem a dimensões distintas do processo de ensino as atividades complementares podem representar a consolidação da troca de saber necessária nessa relação de ensino-aprendizagem. No ensino, a ênfase é sobre um conteúdo científico, tratado com certa objetividade e distanciamento, no qual o estudante vislumbra teorias e conceitos abrangentes. Para ampliar o conhecimento, outras atividades são capazes de identificar as transformações mais imediatas do contexto social, necessários para a formação cidadã. Qualquer proposta de ação é capaz de transpor a comunidade imediata e influir a sociedade como num todo através da internet, por exemplo, com *blogs*, redes sociais e *sites* em seus mais diversos formatos: vídeo, áudio e texto.

Essa acessibilidade à tecnologia, portanto, não é mais o instrumento para o aprendizado, ela é como uma nova estrutura que interferirá cada vez mais nesse processo. As relações entre os interlocutores da comunicação educacional são alteradas porque as competências e possibilidades destes são mais fragmentadas nessa nova sociedade virtual. Pode-se dizer que o saber, antes concentrado nas mãos do mestre, está diluído nos diferentes formatos e disponível através de vários recursos. Esse mesmo saber se fortalece através de trocas simbólicas entre professor e aluno, como também nas relações com a comunidade. Portanto, configura-se um panorama descentralizado e desterritorializado (independe de uma sala de aula) apontado assim por Barbero (2002), ao avaliar a educação na sociedade atual.

Através da tecnologia, a instituição escola se relaciona com a comunidade tendo em vista um compartilhar de experiência e saber muito mais intenso, capaz de gerar mais informações, estas se somarão a tantas outras obtidas pela acessibilidade que os novos meios proporcionam. Assim, o processo educacional como num todo está diante de um novo sistema de ensino, nada tão sedimentado, com muitas possibilidades e incertezas.

As tecnologias de comunicação na sala de aula



A introdução de novas tecnologias na sociedade transformou as formas de se comunicar, de buscar informações. Em tempos de conectividade e experiências virtuais, o espaço social e o tempo histórico rompem com a localidade e linearidade imposta pelas limitações presenciais e dentre as distintas ocorrências, as práticas de sala de aula não se apresentam imunes à influência da tecnologia.

Embora a tradição pedagógica esteja baseada principalmente na relação hierárquica de um educador diante de seus alunos e na linguagem escrita como referencial para pesquisa e avaliação, o cotidiano tem introduzido as questões que escapam a essa estrutura, seja o uso de celulares e notebooks em sala, como no acesso a informações diversas disponíveis na internet, rádio, TV, jornais e revistas.

Esse cenário tem propiciado momentos de reflexão sobre a presença das tecnologias de informação e comunicação no processo de ensino-aprendizagem. Uma das áreas de pesquisa é a Educomunicação, que propõe “explorar e multiplicar as possibilidades de utilização das tecnologias e linguagens da mídia como instrumentos de produção da cidadania e melhoria do ensino” (SOARES, 2001, p.10).

A pertinência da pesquisa nessa área advém da diferença que há entre o cotidiano e a escola, na concepção das práticas sociais pensadas conforme um modelo educacional. As diferentes formas de mídias sugerem uma possibilidade de se aprender com prazer, associado com os outros segmentos da sociedade.

Tal reflexão é mais complexa, pois não se restringe a um nível macrossocial, há as contradições sobre as interferências da mídia no cotidiano das pessoas, na formação cidadã de cada indivíduo, a ponto de ser aspecto central nas relações sociais, estritamente ligadas pelos meios de comunicação. Para Sousa (2001), há uma finalidade nesse uso dos meios, “a questão é a identificação desses fins”. (p.23).

Especificamente na Educomunicação, há três áreas de intervenção,

as “mediações tecnológicas” nos espaços educativos, que apontam para a necessidade de preparar professores e estudantes para usufruir dos novos recursos e usá-los adequadamente, tanto nos processos de ensino-aprendizagem, quanto nas atividades voltadas a ampliar o campo da expressividade das novas gerações; a denominada “educação frente aos meios de comunicação”, preocupada com o impacto do sistema de meios sobre crianças e adolescentes (...) e “a gestão da comunicação em espaços educativos”, entendida como um conjunto de procedimentos voltados a criar o que Martín-Barbero define como “ecossistemas comunicativos”. (SOARES, 2001, p.36,37)



Nessa relação dos indivíduos com a mídia, a comunicação se identifica mais como um processo social que apenas uma instrumentalidade tecnológica e os centros de aprendizagem propiciam práticas formativas interativas em rede, não lineares. Essa sistematização das trocas simbólicas não está devidamente implementada porque, segundo Sousa (2001), não se trata apenas de dificuldade de domínio de sua gramática de produção e sim de uma crise de representações que as instituições sociais, como a escola, enfrentam na modernidade. O autor justifica que o “saber escolar não é o mesmo da comunicação midiática, um se sustenta nos códigos da escrita, outro na pluralidade de códigos a partir da imagem” (SOUSA, 2001, p.28).

Diante do pressuposto interacionista da comunicação, as novas relações sociais estabelecidas com as tecnologias midiáticas no processo de ensino-aprendizagem são um desafio para os pesquisadores tanto da área da Educação como da Comunicação e, para essa reflexão, a abordagem enfatiza os meios de comunicação pelo viés do aprendizado tecnológico, do consumo crítico e da gestão escolar.

As ações de Educomunicação no Médio Araguaia (MT)

As questões pertinentes em âmbito global, repercutem de modo semelhante no ensino das escolas de Barra do Garças (MT), Pontal do Araguaia (MT) e Aragarças(GO).

Nesse contexto, o projeto *MídiaEduca*³ tem pesquisado o uso das tecnologias e linguagens da mídia pelas escolas e percebe-se que há uma carência de um estudo detalhado sobre o tema na região de Barra do Garças. Mas de antemão, contata-se que, embora as escolas apresentem laboratórios de informática e equipamentos audiovisuais (aparelho de rádio, TV, data show, máquina fotográfica e filmadora), as ações midiáticas não são regras. Parte desse problema é a própria condição estrutural da escola, com computadores e equipamentos que não acompanham os modernos lançamentos, porém há a falta de capacitação dos educadores para potencializar tais recursos e apoio precário (ou inexistente) do poder público para incentivar tais práticas. Os acessos aos principais treinamentos estão distantes, localizados nos grandes centros,

³ *MídiaEduca* é um projeto de pesquisa iniciado em abril de 2011 que propõe analisar o consumo da mídia e seus modos de uso nas escolas públicas da região do Médio Araguaia (MT).



como Goiânia e Cuiabá, quando ocorrem no âmbito local, a falta de acompanhamento compromete a continuidade a médio e longo prazo.

Referências Bibliográficas

- AZEVEDO, Maria Verônica Rezende de. **Telejornalismo e educação para a cidadania: uma experiência de Educomunicação**. São Paulo: Universidade de São Paulo/Escola de Comunicação e Artes, 2003.
- BACCEGA, Maria Aparecida. **Televisão e escola: uma mediação possível?** São Paulo: Senac, 2003.
- BASBAUM, Sérgio Roclaw. Percepção digital: Sinestesia, Hiperestesia, Infosensações. In: **Revista Universitária do Audiovisual – RUA**. São Carlos: USCAR, 2009. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/rua/site/?p=662>>. Acesso em 14 ago 2010.
- BRAGA, José Luiz & CALAZANS, Regina. **Comunicação & Educação**, questões delicadas na interface. São Paulo: Hacker, 2001.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- FIGARO, Roseli (Org.). **Gestão da comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.
- GOMEZ, Margarita Victoria. **Educação em rede, uma visão emancipadora**. São Paulo: Cortez, 2004.
- JACQUINOT, G. **O que é um educador?** Disponível em: www.usp.br/nce. Acesso em: 27 de janeiro de 2011.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000.
- MARQUES DE MELO, José; SATHLER Luciano (Org.). **Direitos à comunicação na sociedade da informação**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2005.
- MACHADO, Arlindo. **O quarto iconoclasmo e outros ensaios hereges**. São Paulo: Contra Capa, 2001.
- MARTÍN-NARBERO, Jesús. **La educación desde la comunicación**. Buenos Aires: Ed. Norma, 2002.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo: Cultrix, 1993.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- PERUZZO, Cecília Maria Krohling; ALMEIDA, Fernando Ferreira de (Org.). **Comunicação para a cidadania**. São Paulo: Intercom, 2003.
- SOARES, Ismar de Oliveira. Caminhos da Educomunicação na América Latina e nos Estados Unidos. In: NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO. **Caminhos da Educomunicação**. São Paulo: Salesiana, 2001. p. 35-46.
- _____. Gestão comunicativa e Educação: caminhos da Educomunicação. IN: **Comunicação & Educação**, 23, p.16-25, jan/abr. São Paulo: 2002.
- SOUSA, Mauro Wilton de. O lugar social da comunicação mediática. In: NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO. **Caminhos da Educomunicação**. São Paulo: Salesiana, 2001. p. 21-34.